



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CONCEITUAÇÕES LUKACSIANAS SOBRE A TIPOLOGIA DO HERÓI: MACABÉA, UMA
HEROÍNA PROBLEMÁTICA**

SHEYLA MARIA LIMA OLIVEIRA

**CATOLÉ DO ROCHA – PB.
2012**

SHEYLA MARIA LIMA OLIVEIRA

**CONCEITUAÇÕES LUKACSIANAS SOBRE A TIPOLOGIA DO HERÓI:
MACABÉA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Profa Dra. Andréa Morais Costa

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

O48c

Oliveira, Sheyla Maria Lima.

Conceituações lukacsianas sobre a tipologia do herói [manuscrito]: Macabéa, uma heroína problemática / Sheyla Maria Lima Oliveira. – 2012. 33 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Andréa Morais Costa, Departamento de Letras”.

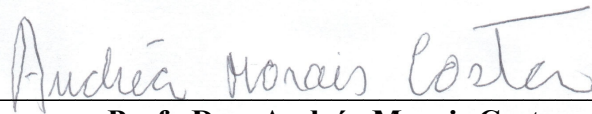
1. Análise Literária 2. Romance 3. Literatura Brasileira I. Título.

21. ed. CDD 801.95

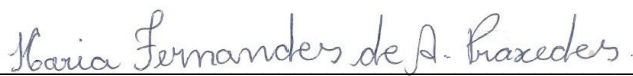
SHEYLA MARIA LIMA OLIVEIRA

**CONCEITUAÇÕES LUKACSIANAS SOBRE A TIPOLOGIA DO HERÓI:
MACABÉA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA**

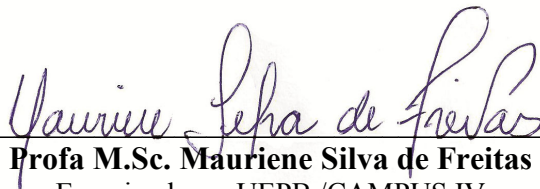
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Andréa Morais Costa
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. M.Sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinadora - UEPB /CAMPUS IV



Prof. M.Sc. Mauriene Silva de Freitas
Examinadora - UEPB /CAMPUS IV

APROVADO EM: 27 de Novembro de 2012

Dedico este trabalho à minha mãe, por ser a mulher mais forte que conheço, por todas as lutas diárias que ela travou buscando sempre o melhor para a nossa família, e por toda a educação dada por ela, que me tornou a mulher que sou hoje. Em especial ao meu padrinho Francisco De Assis de Lima (*in memoriam*) por sempre ter acreditado no meu potencial e ter vibrado comigo quando recebi o resultado do vestibular.

AGRADECIMENTOS

De início quero agradecer a Deus com toda a minha fé, por sentir a sua presença diariamente em minha vida, por sempre ter guiado a minha mente, o meu coração e os meus passos para que eu pudesse chegar até aqui me fazendo sentir forte e feliz, apesar das tribulações.

Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba, principalmente a PROEAC – Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários pela bolsa de extensão (PROBEX) concedida de 2009 a 2010 que tornou viável o desenvolvimento do projeto de extensão, me proporcionando assim um processo educativo e cultural mais amplo.

Mais que especial é o meu agradecimento a todos os Mestres da academia de Letras que contribuíram para que eu me tornasse o que sou hoje. Não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, **Andréa Costa** por toda a sua dedicação, paciência, carinho e as chamadas de atenção quando necessário, você professora é o meu exemplo a ser seguido. Aos professores **Rômulo César**, **Auríbio Farias**, **Marta Lúcia**, **Melânia Nóbrega** e **Maria Fernandes**, por terem aguçado o meu interesse pelo ensino e pela cultura e a minha capacidade de refletir criticamente o mundo. Estas contribuições foram importantes não só na sala de aula, ou seja, com eles aprendi que ser um educador de verdade exige mais que transmitir conhecimentos dos livros, de que é preciso ultrapassar os muros acadêmicos, de que é preciso estreitar os laços entre Mestre e aprendiz, tornando os ensinamentos válidos por toda a vida. Enfim, obrigada a todos os Mestres, pela paciência e compreensão em torno das minhas ausências da sala de aula.

Agradeço com todo o coração ao quadro de funcionários eficientes do campus IV da UEPB, que sempre me ajudaram num respeito mútuo, todas as vezes que os procurei em seus diferentes setores de atuação. Agradeço especialmente a **Neto** que, em sua sabedoria, muitas vezes, age como psicólogo, um amigo verdadeiro, sempre disposto a nos ouvir com uma palavra de apoio e esperança.

A minha enorme e amorosa família, por todo o apoio e a força que recebi ao longo dos anos, por todo esse amor que posso sentir mesmo daqueles que não fazem parte do meu cotidiano. A minha querida Mãe **Fátima**, por todo o seu amor e dedicação desde que nasci, porque sem ela eu jamais teria conseguido chegar até aqui. As minhas irmãs **Shirley** e **Karoliny**, pelo apoio, por terem entendido os meus momentos de mau humor, pelos momentos de descontração e pelo companheirismo de sempre. Ao primo **Rafael**, menino de coração enorme, por todo carinho e atenção dedicados principalmente durante o curso.

A todos os colegas da turma 2009.2, ao lado deles cresci muito como pessoa e como profissional, pelos vários momentos de discussões e debates que proporcionaram aprendizagem e também pelos momentos extrovertidos das nossas tardes. Talvez três anos e meio tenha sido pouco tempo para escrever uma história, mas foi muito para preencher mais um capítulo da minha vida. A vocês, em especial **Karla Cyntya, Rogaciano, Samara Simone e Vanéria**, me faltam palavras agora para descrever o quanto vocês acrescentaram à minha existência, pelas noites inteiras de conversas sonhando com o futuro, pelas festas que fizemos, pelos momentos tensos que choramos, pelas diversas loucuras que aprontamos, pelas viagens inesquecíveis, pelas tardes cheias de amor, enfim por toda essa amizade e companheirismo que levarei daqui até a eternidade.

Aos meus amigos sempre me dando força para continuar, com abraços fortes e cheios de carinho. Em especial a **Leiliane** que mesmo estando longe nunca deixou de me dar atenção e de se preocupar comigo. A **Samara Monteiro**, amiga desde o ensino fundamental, sempre ao meu lado orando por mim e me impulsionando a persistir em meus sonhos. A **Sandro**, por ter fomentado em mim o gosto pelo cinema, por toda a atenção e carinho que tem me dedicado desde que nos conhecemos. A **Viviane e Geilma** mulheres de fibra, por toda essa reciprocidade de sentimentos, por contribuírem na minha formação política e acadêmica.

Ainda preciso agradecer a todos aqueles que fizeram parte da minha militância política estudantil da qual me orgulho tanto de ter participado. Em especial, agradeço a **Jardel** que me incitou o amor pelo Movimento estudantil, aqueles que lutaram muitas vezes ao meu lado por uma Universidade pública, gratuita e de qualidade. Pelos diversos encontros políticos enriquecedores, pelas discussões, pelos momentos de embates travados na Universidade, nas ruas, ou nas escolas.

Enfim, hoje apesar de saber bastante, não aprendi ainda algo que seja suficiente e possa substituir o “muito obrigada”, por tudo, todos foram e continuam sendo muito importantes na minha formação para a vida.

“Os que me lerem, assim, levem um soco no estômago para ver se é bom. A vida é um soco no estômago.”

Clarice Lispector

CONCEITUAÇÕES LUKACSIANAS SOBRE A TIPOLOGIA DO HERÓI: MACABÉA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA

OLIVEIRA, Sheyla Maria Lima. UEPB – Campus IV
COSTA, Profa Dra. Andréa Morais. UEPB – Campus IV

RESUMO

Este artigo tem como foco principal analisar o perfil problemático da personagem Macabéa, no livro da escritora Clarice Lispector: *A hora da estrela*, publicado em 1977. A abordagem mostrará o perfil problemático da heroína Macabéa que vive um conflito de inadequação, marcado pelas observações do narrador Rodrigo S.M., através do qual podemos focalizar o recurso ao fluxo de consciência tão presente nas obras lispectorianas. O romance será analisado à luz do conceito do herói problemático ou demoníaco formulados por Georg Lukács, presente na obra *Teoria do romance* (2000). Obra esta, que caracteriza o romance como um gênero intimamente associado ao advento da burguesia. Também utilizaremos, quando necessário, os conceitos de Walter Benjamin no ensaio *O narrador* (1994), no qual o filósofo nos fala do indivíduo isolado, angustiado e fragmentado, que está representado no romance moderno. Para Benjamin, o romance moderno nos faz questionar o sentido da vida, desencadeando, desta forma, novas técnicas de escrita como o fluxo de consciência, técnicas que são visivelmente utilizadas por Lispector. A análise, por conseguinte, se acerará do conceito da construção da identidade feminina a partir dos conflitos interiores de Macabéa. A obra em estudo ainda tematiza o conflito entre o “eu” e o mundo, dando voz às marcas de individualidade do sujeito, traço dominante no romance moderno. Assim, a trajetória da personagem Macabéa, impotente diante da realidade, será elucidada a partir de teorias pertinentes que marcam a escrita tanto psicológica como social de Clarice Lispector. Nossa pesquisa é de cunho bibliográfico.

Palavras-Chave: Macabéa; feminino; interioridade; conflitos; Lukács.

ABSTRACT

This article has as main focus to analyze the problematic profile of Macabéa character, in *The star hour* book written by Clarice Lispector. The star hour, was published in 1977. In this book, Macabéa lives an inadequate conflict, marked by the narrator's observations, Rodrigo S.M., through which we can focus the resource to the consciousness flow so present in the lispectorian works. The romance will be analyzed in the light from the problematic or demoniac hero concept formulated by Georg Lukács, presented in *The theory of the novel* (2000). This work, characterizes the novel as a genre closely associated to the bourgeoisie advent. We'll also use, when necessary, the concepts by Walter Benjamin in *The Storyteller* (1994) essay, where the philosopher tell us about the isolated individual, distressed, and fragmented, which is represented in the modern novel. For Benjamin, the modern novel makes us question the meaning of life, triggering, this way, new writing techniques such as

the consciousness flow, visibly techniques used by Lispector. The analysis, consequently, will approach the concept of the female identity construction from the internal conflicts of Macabéa. The book under study still thematizes the conflict between the "I" and the world, giving voice to the individuality marks of the subject, dominant feature in the modern novel. So, the Macabéa's way, powerless in face to the reality, will be elucidated from relevant theories that mark the written both psychological and social by Clarice Lispector. Our research has a bibliographic nature.

Keywords: Macabéa; female; interiority; conflicts; Lukács.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CLARICE LISPECTOR: DA PROSA INTIMISTA A TÔNICA DO SOCIAL EM MACABÉA.	15
3. A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS OBRAS CLARICEANAS.....	18
4. MACABÉA: UMA HEROÍNA DEMONÍACA DO IDEALISMO ABSTRATO.....	23
4.1 Macabéa e Olímpico dois nordestinos distintos.....	27
4.2 A carioca Glória.....	28
4.3 O discurso de uma felicidade irreal.....	29
4.4 A hora de Macabéa.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Quando lemos e analisamos o romance moderno vemos que este se renova permanentemente, e que não é mais possível construir, como na epopéia antiga, um herói clássico regido pela valentia, fortaleza e senso de justiça. É isto, aliás, que nos conta Walter Benjamin. O filósofo e crítico de arte, em seu ensaio *O narrador* (1994), anuncia o fim da narrativa épica. Para o crítico, o fim da narrativa deriva dos novos modos de produção do capital, que exige agora uma nova forma de narrar. Dessa forma, segundo o autor, surge o romance que, nascido no seio das forças burguesas, tratará de expor os limites e as possibilidades do homem moderno. Assim, o romance, segundo Benjamin (1994), vai representar o indivíduo isolado, angustiado e fragmentado, ou seja, em oposição à ideia de totalidade propugnada pela epopéia.

Neste ponto, uma técnica narrativa, típica do romance moderno, é o fluxo de consciência. Essa técnica, que abandona a escrita linear e homogênea, traduz de forma expressiva a fragmentação do homem e da mulher no contexto da modernidade. Neste âmbito, se acha a escrita fragmentada de Clarice Lispector. A autora explora o fluxo da consciência das personagens para fazer valer o isolamento do eu em relação à exterioridade do mundo. Este isolamento se torna muito marcante na obra *A hora da estrela*, publicada em (1977), quando a personagem Macabéa é representada numa relação de total inadaptação com o mundo. Nesta perspectiva, a teoria crítica do herói problemático, formulado pelo húngaro Georg Lukács em seu livro *Teoria do Romance* (2000), caberá perfeitamente em nossa análise na abordagem do percurso problemático da personagem Macabéa.

Segundo Bordini (2003), o filósofo húngaro Georg Lukács tornou-se uma espécie de ícone do pensamento estético marxista no Ocidente ao longo do século XX por suas reflexões sobre a literatura e o romance, que se distanciavam das teorias formalistas e idealistas de extração Kantiana.

Para a elaboração de sua obra, Lukács parte da distinção do mundo da epopéia, para depois tratar do mundo do romance. Desta forma, o teórico desenvolve os conceitos de herói épico e herói problemático. Lukács concebia a Grécia Antiga como um mundo harmônico e unitário, de homens integrados à natureza e à coletividade, ao passo que atribuía à sociedade burguesa a fratura entre sujeito e objeto e, por conseguinte, a fragmentação e a angústia do indivíduo. Bordini ressalta que: “Com isso, ele consegue estabelecer uma tipologia do romance, cujo parâmetro é sempre relacional: indivíduo – sociedade, idealização – ação,

alienação - compromisso.” (BORDINI, 2003). No cerne desta tipologia se acha a crítica de cunho marxista sobre o mundo e o sentido da arte.

De forma similar, por compartilhar das ideias marxistas, Benjamin (1994) diferencia romance moderno de narrativa, explicando que o romance moderno nos faz questionar o sentido da vida, desencadeando, desta forma, novas técnicas de escrita como o fluxo de consciência e as epifanias. Em Clarice Lispector, escritora adepta à ruptura e ao experimentalismo da linguagem, essas técnicas são visivelmente utilizadas a fim de convidar o leitor a um questionamento sobre a vida. Daí a permanente dúvida e busca de si mesmo que marcam a escrita clariceana. Essas técnicas, nascidas do mundo moderno, se distanciam dramaticamente das formas narrativas antigas que preconizavam o conselho, a moral e a utilidade. Assim, em seu ensaio, Benjamin nos ensina: “Com efeito, ‘o sentido da vida’ é o centro em torno do qual se movimenta o romance. Num caso, ‘o sentido da vida’, e no outro, ‘a moral da história’, essas duas palavras de ordem distinguem entre si o romance e a narrativa.” (BENJAMIN, 1994, p. 212).

Para Walter Benjamin (1994) o surgimento do romance vai culminar com a morte da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele sabe, enquanto que o romance não tem essa característica. O romancista descreve o incomensurável numa vida humana, desse modo, o romance encontra na burguesia, no capitalismo nascente, o terreno propício ao seu desenvolvimento.

O romance se desenvolve a partir de uma situação na qual indivíduos isolados estão postos em condições de uma escassa partilha de valores comunitários, característica marcante do romance moderno. “A origem do romance” escreve Benjamin, “é o indivíduo isolado, que não pode mais exemplarmente falar de suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (Benjamin, 1994, p. 201). A nossa personagem em estudo é fruto destas forças romanescas, uma vez que Macabéa está longe de ser um exemplo ou um modelo a ser seguido. Isolada, feia, ignorante, a personagem, numa última palavra, aparece inábil e incapaz de reconhecer-se e ser reconhecida pelos valores do mundo.

É necessário acentuarmos que a protagonista nordestina é diferente das outras personagens femininas clariceanas. Macabéa não sabe nada e nem age. Ela mesma não apresenta fluxo de consciência, o que implicaria um sentido de interioridade e aprofundamento de seu perfil psicológico. A função do narrador Rodrigo S. M. é justamente revelar essa voz surda-muda de Macabéa, ou seja, a sua rasa existência. O narrador especula o seu raso sentido de vida, o seu não conhecimento de si: “Se tivesse a tolice de se perguntar

“quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade?” (LISPECTOR, 1998, p. 15).

Em um mundo dominado pelas forças do mercado, com suas ideologias cegas, mas sedutoras, Macabéa sentia-se permanentemente apartada deste mundo. Precisamente a não compreensão de si nas várias esferas da vida, enquanto mulher, nordestina, pobre e feia em um mundo, como nos diz Lukács, “desalmado”, desencadeará todo o sentido de sua problemática enquanto heroína.

Nas formulações teóricas Lukacsianas, como já mencionamos, podemos ver uma distinção marcante entre o herói clássico, épico, pertencente à epopéia antiga, e o herói romanesco, de caráter problemático. Lukács (2000) desenvolve o caráter específico e a problemática específica do romance, tendo como contraponto a epopéia. Nesta última, ele observa que a individualidade heróica está em perfeita consonância com a existência numa totalidade extensiva e espontânea.

Em *Lukács e a Literatura* (2003), Maria da Glória Bordini apresenta algumas considerações sobre o pensamento marxista do filósofo húngaro, propagando ainda mais a sua teoria sobre a tipologia do herói:

A diferença do drama antigo para o moderno residiria num processo de ruptura. No primeiro, o herói está organicamente embutido no todo da vida, obedecendo a um traçado apriorístico que está na própria essência da existência. No último, o herói se torna “problemático”, é nada mais que humano, esforçando-se para elevar-se sobre as contingências da vida, que a arquitetura da peça não consegue sem privá-las de sentido ou dele sobrecarregá-las. (BORDINI, 2003, p. 41)

Na mesma obra, Bordini (2003) salienta ainda que, como ideia e mundo são entidades separadas, surge o que Lukács chama de herói problemático, uma vez que ele percebe o ideal como algo inacessível, inexistente na realidade e vê a prática sempre como um problema. Nesse sentido Bordini nos apresenta:

Num mundo abandonado por Deus, o homem, entregue ao demônio, na sua fúria consegue elevar-se sobre a inércia a que tende a existência satisfeita consigo mesma. Batendo-se contra a “transparência vazia”, esse herói só pode vislumbrar a plenitude, mas não a alcança. (BORDINI, 2003, p. 45)

Georg Lukács (2000) apresenta esse herói demoníaco a partir do idealismo abstrato, ao tratar desse assunto ele defende que:

O caráter demoníaco do indivíduo problemático que, combativo, sai a campo é claramente manifesto, mas ao mesmo tempo sua problemática interior vem à luz de modo menos gritante; à primeira vista, seu fracasso no contato com a realidade tem mais a aparência de um mero fracasso exterior. O demonismo do estreitamento da alma é o demonismo do idealismo abstrato. (LUKÁCS, 2000, p. 99)

Seguindo essa perspectiva, observamos que o herói problemático sente na exata medida a superioridade do mundo exterior com que se defronta e, é exatamente nesse perfil que se encaixa Macabéa.

Em *A hora da Estrela* (1998), Lispector narra a história da personagem Macabéa, uma nordestina pobre vivendo “em uma cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 2008 p. 15). É fazendo uso de predicativos como feia, pobre, ignorante e solitária, que o narrador Rodrigo S. M. descreve nossa protagonista. Macabéa ainda carrega em si as marcas do êxodo rural, representando assim o problema da migração e da péssima adaptação do nordestino ao meio urbano do sul do país, onde ele se choca com diferentes valores sócio-econômico-culturais.

Nesse sentido, as ideias do húngaro Georg Lukács surgem como suporte para a interpretação em torno do percurso investigativo da personagem Macabéa, onde se procura evidenciar o caráter problemático da inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior, advindo do conceito do idealismo abstrato formulado na *Teoria do romance* lukacsiano.

Assim, nosso trabalho aqui consiste, fundamentalmente, em abordar a problemática do herói lukacsiano na protagonista do romance social de Lispector, *A hora da estrela* (1998), que, será referido no trabalho pela sigla HE. A análise desta heroína será pautada no seu discurso, bem como nas observações e comentários do narrador Rodrigo S. M. que faz um relato distante, crítico e protocolar da personagem Macabéa. O narrador é onisciente, ou seja, se apresenta apontando as limitações da personagem Macabéa, a fim de tencionar ao máximo o fosso entre a heroína e as expectativas do mundo.

A análise, por conseguinte, se acercará do conceito da construção da identidade feminina a partir dos conflitos interiores de Macabéa, os quais decorrem de uma certa expectativa em relação aos atributos ideais femininos. Analisaremos esses embates, revelados na obra, através do perfil da nordestina (feia, pálida, sem educação etc.), que não corresponde aos atributos femininos apregoados pelo mercado. Este preconiza a beleza exterior, o *status* e a boa fala. Macabéa, entretanto, não possui nenhum destes atributos. O problema da representação do feminino, sob a escrita de uma autora mulher, exigira alguns aportes teóricos feministas.

2. CLARICE LISPECTOR: DA PROSA INTIMISTA A TÔNICA DO SOCIAL EM MACABÉA

Clarice Lispector tem uma autoria marcante que faz da sua escrita um capítulo à parte na literatura, influenciando gerações desde o Modernismo de 45 até os dias atuais. Entre biografias e adaptações, as obras clariceanas são sempre destaque no Brasil e no Mundo. Massaud Moisés (2008) ao falar do Modernismo, na obra *História da Literatura Brasileira* reporta-se à obra de Lispector afirmando que: “a ficção de Clarice Lispector, rebelde ao artifício, pulsa duma ‘verdade’, a verdade específica da Arte, em que a Vida, o Mundo e o ‘eu’ se representam e se reconhecem.” (MOISÉS, 2008, p. 347).

Buscando ressaltar, em toda a sua produção literária, a representação da mulher na literatura, reconhecendo e refletindo sobre a experiência do papel feminino na sociedade, Clarice Lispector insere-se em um novo momento da literatura feminina no Brasil. No cenário da modernidade, a prosa de Lispector se destaca por seu gosto em perfilar os conflitos interiores marcados por monólogos intensos. A autora busca representar os dramas existenciais femininos, os quais revelam o isolamento, a crise, o medo, o desejo e a dúvida do sujeito feminino. O livro de Lucia Helena *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector (1997)* é uma real contribuição para a literatura brasileira, pois, apresenta um estudo sobre a inserção de Lispector no feminismo, na obra, Lucia Helena dedica-se a discutir o caráter feminista do texto lispectoriano, segundo ela: “embora universal em suas preocupações temáticas, o texto lispectoriano é também histórico e local, ao indagar a categoria de sujeito, os papéis de gênero e a opressão da mulher.” (HELENA, 1997, p. 100)

Este tipo de abordagem escapa a maioria dos estudos de Lispector, os quais recaem no aspecto psicanalítico. A crítica, no geral, entendeu que a escrita lispectoriana, com suas marcas existenciais de funda dramaticidade, estabeleceu uma ruptura com o viés naturalista e realista que venceu a nossa literatura. Com efeito, a linguagem experimental de Lispector e a técnica do intimismo intenso trouxeram uma renovação inegável à produção literária. Em relação ao tema, Bosi escreve: “o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar.” (BOSI, 2003, p.424). Como vemos, Bosi revela a linguagem incomparável da escritora através da qual as personagens femininas aparecem marcadas pelo conflito interno, mas este, ao contrário das abordagens eminentemente psicanalíticas, não está desarticulado dos papéis sociais que condicionam as suas existências.

É quando estréia *Perto do coração selvagem* (1943) que Clarice Lispector é vista pelos críticos como grande renovadora da narrativa brasileira e passa a ser associada a autores consagrados como Machado de Assis. Isso porque a autora utiliza-se do fluxo de consciência para manifestar os estados psicológicos de suas personagens, moderando essa característica com um tom machadiano pelo detalhe, ironicamente bem posto. Para a crítica, ambos apresentam um estilo muito próprio e inovador no panorama da literatura moderna brasileira. Nádia Batella Gotlib (1995) nos explica que, embora exista um elemento comum entre Lispector e Machado de Assis, os críticos ressaltam a posição única da autora em apresentar nas suas obras o uso de metáforas, o uso da ambiguidade, bem como o monólogo interior, que revelam a relação entre sujeito e realidade exterior mediante a percepção ou a não-percepção que esse sujeito tem da realidade. A propósito dos escritos clariceanos, Antonio Candido afirma que “Lispector procura fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das idéias” (CANDIDO, 1970, p. 126). Desse modo, a palavra em Lispector se torna constantemente uma busca existencial do próprio eu.

Ao contrário das obras anteriores de Lispector, HE (1998) explicita problemáticas sociais marcando, como já acentuamos, a situação do migrante nordestino numa metrópole do Sudeste onde o capitalismo é quem dita às regras. Assim Macabéa traz à tona uma alienação cultural e uma marginalização social que são agravadas pela sua condição de mulher. A partir desse momento cresce, na ficção de Clarice Lispector, uma preocupação com o social, paralela à construção de gênero numa relação com um mundo dominado pelas estruturas de poder. Diante do papel que a obra representa socialmente o narrador Rodrigo S. M., empenhado em provocar o desconforto, adverte ao leitor – este supostamente rico e acomodado – sobre os mecanismos de escapes e da vida massacrante da média burguesia:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo que é novo assusta. (LISPECTOR, 1998, p. 30).

Com essas palavras, Lispector se mostra totalmente diferente daquela escrita introspectiva que a crítica estava acostumada a ver. Recentemente a autora desperta o interesse dos estudiosos para os aspectos sociais e ideológicos presentes na sua obra, em particular na narrativa de HE (1998) que trata de focalizar essa “vida massacrante da média burguesia”. O último romance lispectoriano incorpora e desenvolve temas que parecem sempre terem sido preocupação de Lispector, e que refletem essa sociedade burguesa-

capitalista, tais como o problema da representação do feminino, o conhecimento através de uma linguagem literária socialmente engajada e a marginalização das classes sociais oprimidas, encarnada na personagem Macabéa. Através da personagem, o narrador focaliza o problema da desigualdade de classe “constato que a pobreza é feia e promíscua.” (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Vilma Arêas, em sua obra *Clarice Lispector com a ponta dos dedos* (2005), ao lançar um olhar sobre a produção de Clarice Lispector abre um campo de discussão sobre HE (1998), evidenciando que em uma sociedade tão cheia de problemas como é a sociedade brasileira, Lispector tinha uma percepção e uma consciência muito clara do papel que era ser um escritor naquela época. Lispector, segundo Arêas, precisava, de um lado, se dividir entre o compromisso em dar voz aos oprimidos e, por outro, tinha que lidar com os próprios privilégios que a sua condição burguesa lhe assegurava. Uma condição contraditória e desconfortável para qualquer escritor, que sente essa dificuldade em falar do povo brasileiro de modo convincente. Isso por causa dessa distância abismal entre a burguesia e a classe desfavorecida. No início da obra Lispector, na voz do narrador, escreve um trecho que problematiza essa condição do escritor. Ao tratar da nordestina não é preciso apenas saber da vida da moça, mas sentir plenamente o seu mundo:

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina (LISPECTOR, 1998, p. 19-20) .

É dessa forma, envolvida intensamente com alguns temas sociais de miséria econômica e afetiva, bem como com a questão da injustiça social que Clarice Lispector, através da “estética do feio”, como escreve Vilma Arêas (2005), procura situar Macabéa durante toda a obra.

Para Antonio Candido (1970), o escritor não é apenas um indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém que desempenha um papel social e corresponde a certas expectativas dos leitores. Lispector faz isso muito bem, já que provoca uma reflexão em torno da tensão eu e realidade. Neste ponto, poderemos perguntar: quantas Macabéas não existem por aí? Em seu livro *Literatura e sociedade* (1970), Candido enfatiza: “verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (CANDIDO, 1970, p. 29). Nessa perspectiva, a obra assume a dimensão do social

onde o externo se torna interno mantendo-se, dessa forma, uma relação dialética entre texto e contexto. Vejamos mais uma vez o que nos diz o crítico: “o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 1970, p. 13).

Com efeito, se analisarmos o contexto social (externo) vemos que HE (1998) entre outras questões, internaliza os conflitos de classes sociais que, interferem diretamente nas relações de Macabéa com Olímpico e Glória, por exemplo, ou de Macabéa com o seu chefe. Lispector desnuda as raízes das relações estabelecidas pela nordestina que sai de Alagoas para o Rio de Janeiro. Trata-se, em poucas palavras, da história de uma retirante ignorante que busca construir uma vida nova, projeto individual (mundo interno) em meio à moderna vida burguesa do sul do país (mundo externo), onde as forças sociais e econômicas são maiores que as aspirações individuais. O choque de valores que daí resulta é determinante para o surgimento do caráter da heroína, que vive à margem dos privilégios do capitalismo. Assim, o elemento social se torna um dos muitos que interferem na estrutura da obra lispectoriana, ao lado dos linguísticos, psicológicos e outros. A nordestina que inquieta o narrador, encarna essas forças sociais desiguais: marginalizada, oprimida e migrante, Macabéa faz parte da galeria de mulheres que ficaram à margem da indústria da beleza e do *status* que a sociedade materialista impõe. Lispector, trilhando por outros caminhos ao apresentar a garota do interior tragada pelo turbilhão da cidade grande, nos fala dessa escrita diferenciada que utiliza em HE, através do narrador-personagem Rodrigo S.M.:

Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa. Qualquer que seja o que quer dizer “realidade”. [...] É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou um profissional – e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. (LISPECTOR, 1998, p. 17).

Nessa citação de HE (1998) podemos perceber também, através deste trecho, que além da autora revelar que está mudando a escrita, ela ainda ironiza o modo de narrar realista, do qual a sua escrita se difere.

3. A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS OBRAS CLARICEANAS

Na década de 1960 surgiram grupos que contestavam a cultura e os costumes da sociedade daquela época, os quais eram questionados. O movimento feminista é fruto dessa

contracultura, o qual favorecia igualmente a rebeldia nesse contexto histórico que fortaleceu a luta pelo avanço da liberdade e emancipação da mulher. Clarice Lispector não participou ativamente dessas lutas, mas, através de sua escrita inovadora, visto que a literatura é também uma força de resistência, testemunhou esse momento histórico, denunciando várias problemáticas sociais, inclusive a terrível ditadura militar. Nessa perspectiva, a escrita clariceana com suas personagens majoritariamente femininas, fazia parte das mudanças de paradigmas pelas quais passavam as mulheres das décadas 60 e 70. Maria José Somerlate Barbosa em *Clarice Lispector: des/fiando as teias da paixão (2001)* faz uma leitura da obra clariceana, através da qual afirma que a literatura de Lispector extrapola os limites impostos pela sociedade patriarcal:

A sua literatura apresenta, concomitantemente, a resistência das personagens à norma patriarcal e aos parâmetros sociais que levam as mulheres a incorporarem os mecanismos opressores a que elas tentam resistir. Vistos por essa perspectiva, seus textos se tornam contrapontos que desestabilizam qualquer posição de dominação até mesmo dentro do texto. (BARBOSA, 2001, p. 12).

Em meados do século XX quando estreou seu primeiro romance, Lispector, como bem já enfatizamos, transgrediu convenções linguísticas e literárias representando um rompimento com os paradigmas vigentes da época, problematizando as questões identitárias femininas sob o pano de fundo dos valores da sociedade patriarcal. A escrita feminina de Lispector opta por investigar estes valores de forma intimista e subjetiva. Daí seu nome junto a outras autoras como Rachel de Queiroz é provavelmente o que com mais frequência comparece em antologias literárias representativas da literatura feminina. Gotlib em sua obra *Clarice: uma vida que se conta (1995)*, nos informa que foi através da emergência da crítica feminista nos Estados Unidos e na Europa durante a década de 1970 e com as discussões na sociedade brasileira sobre a questão da mulher e seu papel social, que surgiu os estudos que enfocam a questão do feminino e a dimensão feminista lispectoriana.

Em *Perto do coração selvagem (1943)* Lispector mergulha no universo feminino na tentativa de captar e traduzir os mistérios irrevelados do ser mulher. A autora é pioneira na trajetória da narrativa de autoria feminina, além de questionar toda a estrutura social da sua época através de seu estilo desconstrutor.

Sônia Roncador na obra *Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice (2002)* nos explica que com o tempo e com as mudanças histórico-sociais a aparência física das heroínas clariceanas vai sofrendo alterações, passando de uma mulher estudada, bela e

idealizada pertencente à classe média, – podemos citar como exemplo a personagem Ana do conto “Amor” na obra *Laços de Família* (1960) –, para uma mulher que possui imperfeições físicas, pobre, marginalizada e nada atraente do tipo Macabéa, do romance aqui analisado HE (1998). Roncador (2002) assinala que:

Isso ocorre, sobretudo, nas obras da autora publicadas nos anos 70, nas quais haveria uma ruptura em relação ao estilo da escritora anterior a esse período. Clarice abandona nesse período a forma elegante de suas primeiras obras para adotar uma estética do feio, produzindo obras deliberadamente malfeitas, sendo que essa ruptura no plano da forma corresponde a uma mudança em relação aos temas abordados pela romancista. (RONCADOR, 2002, p. 55).

Sabemos que a escrita feminina “rasura” o universo pensante masculino. A partir dessa visão aos poucos Lispector abriu as portas da literatura brasileira à perspectiva feminina com uma narrativa marcada por personagens transgressoras, mulheres em conflito, dilaceradas pela dúvida, contraditórias e intensas. Nesse sentido, convém ressaltar aqui, para efeito de análise, apenas duas das intensas personagens femininas de Lispector: Ana do conto “Amor” in *Laços de Família* (1998), inclusive já citada no trabalho, e Macabéa in *A hora da Estrela* (1998.)

As duas personagens Ana e Macabéa, como percebemos, diferem socialmente e psicologicamente, uma vez que Ana (LF) se caracteriza por deixar transparecer uma inconformidade e a vontade de trilhar novos caminhos, deixando de se preocupar com o exterior, numa tentativa de sondagem interior: “quem sou eu?”. Ou seja, a personagem está numa busca de si mesma. Já Macabéa (HE) não possui essa característica, apesar da protagonista apresentar um desconforto em torno de sua realidade. Recorde-se que ela sempre estava buscando uma aspirina para curar-se de uma dor que não era física. De nenhuma forma, Macabéa procura reagir. A nordestina não demonstra desejo de mudança: “A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava.” (LISPECTOR, 1998, p. 27). É o próprio narrador que revela os limites da personagem, a sua incapacidade de perguntar por si. Macabéa não é uma mulher consciente, não busca entender-se. Ela não pensava nela, não se indagava por medo de não encontrar as respostas, Macabéa apenas se conformava: “é assim porque é assim.” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Segundo Gotlib, na obra *Os difíceis laços de família* (1994), referindo-se ao conto “Amor” de Lispector, o equilíbrio da vida domesticada se rompe, cedendo a uma desordem que cresce, enquanto a ordem diminui. A busca existencial do próprio “eu” assim, se constitui o drama de Ana, personagem central do referido conto, que vivencia segundo Benedito Nunes

em *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector* (1989), a “náusea” lispectoriana resultante do encontro entre o sujeito e uma realidade “transcendente”, algo que vai além do humano. Assim o crítico ressalta a perspectiva mística da escritora pernambucana, além de observar que a náusea é um elemento intimamente ligado à epifania:

[...] é qualificada pela náusea, que precipita a mulher num estado de alheamento, verdadeiro êxtase diante das coisas, que a paralisa e esvazia, [...] que lhe dá a conhecer as coisas em sua nudez, revelando-lhe a existência nelas represada, como força impulsiva e caótica, e desligando-a da realidade cotidiana, do âmbito das relações familiares. (NUNES, 1989, p. 86)

Podemos considerar a personagem Ana de *Laços de Família* (1998) como uma tradicional pequena burguesa que tem preconceitos gestados na e pela sociedade da década de 50, faltando-lhe uma consciência crítica: “No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas.” (LISPECTOR, 2008, p.19). Para a personagem central do conto “Amor” o casamento dava sentido à sua vida. O modelo feminino aparece pautado pelos valores da sociedade patriarcal, que impunha ao ser social das mulheres a obrigação de ser mãe e esposa. Em suma, através destes papéis as mulheres poderiam ser reconhecidas socialmente. Com uma rotina típica de dona-de-casa da classe média burguesa, Ana foi educada para cuidar do marido, dos filhos e do lar, mas, sempre tem que estar linda, perfumada e pronta para atender aqueles a sua volta. Como a maioria das personagens femininas de Lispector, a narrativa de Ana é interiorizada a fim de visibilizar o sofrimento interno da personagem, pois esta se sente necessitada por espaços mais igualitários na sociedade dos anos 60. O anseio pela igualdade suscita as “náuseas”, que levam a personagem a pensar sobre esse mundo que a cerca e, a compreender melhor o seu “eu” interior desejante.

Passado os anos 60, nos quais Lispector escreveu sobre os anseios da vida da mulher burguesa de classe média (Ana), para os anos 70, onde a escritora nos apresenta a retirante marginalizada (Macabéa), podemos perceber a ruptura na escrita clariceana como nos falou Roncador (2002). Diferente de Ana, a protagonista de HE (1998), não sabe nada, vive apartada do mundo a sua volta, não se questiona. A técnica do fluxo de consciência de Macabéa, como bem já dissemos, é apresentada pelo narrador, além disso, a nordestina não possui os dotes femininos valorizados pelo mercado: “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio.” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Macabéa é considerada problemática porque não corresponde em nada aos valores projetados pela sociedade de consumo do Rio de Janeiro. O que é mais grave: a personagem nem se quer dar conta de seus problemas porque é incapaz de refletir: “Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso

dispensável.” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Este trecho é chocante porque traduz todo o poder compressor de uma estrutura e a dispensabilidade da personagem. Em HE (1998), Lispector opta por um perfil feminino outro, ou seja, negativo, totalmente construído às avessas do esperado, do socialmente aceitável. Esta construção, sem dúvida, explicita o fosso entre o sujeito e a degradação do mundo.

Ora, a situação de Macabéa está em consonância com os conceitos de Lukács (2000). Na obra de Lispector, observamos que o conflito entre os valores autênticos (a busca de sentido das personagens) e o mundo (capitalista) inautêntico é trágico porque é insuperável, na medida em que não percebemos nenhuma força social capaz de transformar o mundo e realizar os valores autênticos. Nesse sentido, o conflito não encontrará solução. É o que destaca Samuel (1985) ao tratar das elaborações de Lukács:

Lukács estuda a forma romanesca caracterizando a existência de um herói problemático, isto é, o romance seria a história de uma investigação degradada (ou demoníaca), pesquisa de valores autênticos num mundo inautêntico (degradado). E se caracterizaria pela ruptura insuperável entre esse herói e o mundo, quando se dariam duas degradações: a do herói e a do mundo. (SAMUEL, 1985, p. 108-109).

Macabéa buscava amor, acolhimento, sinceridade, valores eminentemente autênticos, mas a heroína nordestina não os alcançava devido à realidade (inautêntica) na qual estava inserida e isso para Lukács (2000) é insuperável.

Em LF (1960), Lispector apresenta elementos, ainda que atenuados, de críticas à sociedade patriarcal. Entendemos que não se pode estabelecer uma separação distante entre essas duas obras lispectorianas: *A hora da estrela* (1977) e *Laços de família* (1960). Todavia, HE apresenta um realismo mais forte por se tratar de um romance de caráter social, ou seja, é uma metáfora social, retrato de uma sociedade pobre, marginalizada que clama por dignidade. Ana e Macabéa estão inseridas numa sociedade machista, falocêntrica. Embora as obras sejam de épocas diferentes, – ou seja, cada uma das personagens femininas de Lispector tem sua particularidade, de classe e de valores, – tanto Ana como Macabéa enfrentam um problema em comum que é estar na condição feminina. Há então um sofrimento particular na qualidade de ser mulher. No caso da nordestina, o que agora nos interessa de perto, é este sofrimento que decorre de um mundo degradado, tornando Macabéa um ser inadaptável, mesmo grotesco e cômico, sendo, por excelência, um herói problemático.

Na *Teoria do romance* (2000) Lukács nos fala da desproporção que existe entre as aspirações da alma e a objetividade de um mundo degradado, o húngaro pressupõe a

impossibilidade de um sujeito constituído de valores encontrar no mundo exterior o sentido de totalidade da vida:

[...] um mundo de cuja onipotência esquivava-se apenas o mais recôndito da alma; um mundo presente por toda a parte em sua opaca multiplicidade e cuja estrita legalidade, tanto no devir quanto no ser, impõe-se como evidência necessária ao sujeito cognitivo, mas que, a despeito de toda essa regularidade, não se oferece como sentido para o sujeito em busca de objetivo nem como matéria imediatamente sensível para o sujeito que age. Ele é uma segunda natureza; assim como a primeira, só é definível como a síntese das necessidades conhecidas e alheias aos sentidos, sendo, portanto impenetrável e inapreensível em sua verdadeira substância. (LUKÁCS, 2000, p. 62)

Para Lukács (2000), o herói do romance nasce desse alheamento em face do mundo exterior. A solidão do sujeito é afirmada pela alma que constituída de naturezas diferentes se revela inadequada em um mundo abandonado por Deus. Daí o caráter demoníaco do sujeito problemático. Trataremos agora dessa questão analisando a personagem Macabéa.

4. MACABÉA: UMA HEROÍNA DEMONÍACA DO IDEALISMO ABSTRATO

Com ênfase nos aportes teóricos apresentados nesse trabalho, voltado especificamente para as teorias de Georg Lukács na *Teoria do romance* (2000), seguiremos com a análise da personagem Macabéa, demonstrando que *A hora da estrela* (1998) se encaixa no perfil do romance moderno, e que Macabéa pode ser considerada uma heroína problemática ou demoníaca. Na *Teoria do romance* (2000), Lukács nos apresenta a concepção de que a forma da obra literária é a forma da história econômica, sendo o herói o tipo em que convergem e se concretizam, conforme assinala o marxismo, os conflitos sociais e individuais gerados em função da reprodução dos fatores sócio-econômicos. Lukács define tipologias para o herói, dentre as quais se acha a categoria do idealismo abstrato onde há uma inadequação entre interioridade e aventura. A exemplo, nesta categoria, o teórico cita a obra *Dom Quixote* de Cervantes. Na obra, destaca o húngaro, há uma inaptidão por parte do herói que está impossibilitado em alcançar a realização do ideal. Segundo Lukács (2000), há uma ruptura entre esse herói e o mundo, o que provoca um estreitamento da alma desse herói.

Nessa perspectiva, a personagem romanesca se revela problemática porque seus ideais se chocam contra a limitada perspectiva oferecida pela sociedade capitalista que a cerca, ou seja, a personagem romanesca é aquela que se levanta em conflito com as forças que a oprimem. Para Bordini (2003), “A obscura sujeição a realidade existente, privada de significação para o indivíduo determina o caráter problemático do herói do romance.”

(BORDINI, 2003, p.24). Desta sorte, HE (1998) apresenta Macabéa com um “eu” dilacerado diante de um mundo no qual a heroína não encontra seu lugar.

O romance lispectoriano trata da história de uma moça de 19 (dezenove) anos chamada Macabéa, uma nordestina ignorante, desajeitada e pobre, nascida da fome que acomete o sertão de Alagoas. O romance vai tecendo as inabilidades e desvantagens da personagem: “Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (LISPECTOR, 1998, p. 27). A nordestina “inteiramente raquítica” tem uma personalidade medíocre e certo despreparo para a vida urbana do RJ. Seus pais morreram muito cedo de febres ruins e a moça foi criada pela tia em Maceió, única parente viva. A tia beata judiara muito da menina quando pequena: “Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio.” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Mais tarde mudaram-se para o Rio de Janeiro. O tema social da migração aparece como um problema, uma vez que os nordestinos enfrentam vários embates socioculturais ao tentar inserir-se nos grandes centros urbanos. Com efeito, isto se passará com Macabéa.

A tia pagou um curso ralo de aprender a escrever à máquina e arranhou um emprego para Macabéa, depois a tia finalmente faleceu. Sozinha a retirante nordestina passou a dividir uma vaga de quarto com mais quatro moças balconistas. Era uma moradia desagradável e ficava numa dessas ruas perto do porto onde as prostitutas servem aos marinheiros. Ao redor de Macabéa podemos perceber que Lispector representa as classes sociais oprimidas, cuja condição se encontra à margem dos grandes centros onde o capital é quem prevalece.

As frustrações do mundo de Macabéa e o seu destino trágico constituem as estruturas formais do romance das quais Lukács nos fala. São justamente essas forças sociais de caráter contraditório que são descobertas em HE (1998) por Lispector, onde a personagem Macabéa encarna classes sociais marginalizadas pela sociedade moderna da época, pois a moça nordestina, migrante, ignorante, e profundamente solitária, é também mulher apesar de às vezes não se dar conta “A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (LISPECTOR, 1998, p. 28). O narrador Rodrigo S.M., como já anunciamos, não usa palavras bonitas para definir a protagonista de HE, apesar de assumir que só ele a ama, e que por isso ele deseja tanto falar da moça: “Não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Essa alagoana filha do êxodo rural dormia mal, quase todos os dias dormia com fome, tinha problemas respiratórios e se vestia com roupas sujas. De madrugada ela gastava horas

ouvindo a Rádio Relógio que falava de cultura e curiosidades, era daí, aliás, que vinha todo o conhecimento de Macabéa. O seu primeiro emprego é num escritório como datilógrafa, mas vivia sendo ameaçada de demissão pelo chefe, pois o curso de datilografia tinha sido muito rápido e a nordestina continuava sendo semi-analfabeta, por isso cometia muitos erros. O seu nome, aliás, motivado, refere-se aos povos dos Macabeus, o povo guerreiro dos Hebreus que tinham uma natureza heróica. A personagem de Lispector é ironicamente utilizada na contramão deste heroísmo, trata-se de uma inversão que traduz toda a inaptidão de Macabéa para a vida:

[...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar, só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (LISPECTOR, 1998, p.24).

Todavia, Macabéa tinha seus prazeres, simples como recortar fotos de artistas para guardar num álbum ou comer um cachorro quente na esquina. A nordestina adorava Marylin Monroe, por considerar a artista como uma mulher amada e exaltada como modelo de beleza e símbolo sexual: “Sabe o que eu mais queria na vida? pois era ser artista de cinema [...] Adoro as artistas. Sabe que Marylin Monroe era toda cor de rosa?” (LISPECTOR, 1998, p.53). Nesse trecho da obra podemos observar que Macabéa aparece como joguete das forças de produção do mercado. Ela deseja ser a imagem cultuada pela sociedade, por achar que só assim seria aceita no mundo, e quem sabe assim as pessoas iriam sorrir para ela na rua? A adoração por Marylin Monroe também traduz uma divergência existente entre as suas intenções e a realidade que lhe é hostil. Na *Teoria do romance (2000)* Lukács nos fala: “O caráter estranho e hostil que o mundo interior e o mundo exterior apresentam um para o outro não é abolido de forma alguma, mas unicamente reconhecido como necessário.” (LUKÁCS, 2000, p.83).

Lispector trata da ideia de um mundo e de um “eu” fora de si, que reflete a identidade da personagem que não tem nem consciência de si mesma. Dentro de um sistema alienante, faltando também uma consciência política, Macabéa era conformada, não reclamava de nada e nem se motivava a lutar: “Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo, e não havia luta possível, para que lutar?” (LISPECTOR, 1998, p.40). O conformismo de Macabéa é realmente inquietante para quem lê a obra lispectoriana, mas ao mesmo tempo existe um sentimento de compaixão já que o próprio narrador nos informa da situação horrível na qual vive a nordestina. O narrador

Rodrigo S.M. também se revolta com a resignação de sua personagem: “Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.” (LISPECTOR, 1998, p. 26). O narrador às vezes conduz o leitor a perceber a ingenuidade da personagem. Tão ingênua que quem conhece a história de Macabéa, sente vontade de proteger a moça do mundo. Isto porque o ideal da personagem – tornar-se Marilyn Monroe – expõe uma problemática de superação inalcançável, pois o mundo se torna maligno para a classe apartada na qual se encontra Macabéa. Estaria ela impotente e indefesa diante de uma realidade reificada.

A protagonista de Lispector é uma heroína problemática inexpressiva, sem sal, arriscamos até dizer um ser amorfo. Humilde, Macabéa admirava as palavras sem nem conhecer seus significados, e por não conhecer o significado das palavras é que a protagonista ignora a razão de sua vida, desencadeando um estado de morbidez: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando, expirando, inspirando e expirando. Na verdade- para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim.” (LISPECTOR, 1998, p.23).

Personagem apática que nada faz para mudar o próprio destino: não é consciente e nem luta. O fato de Macabéa não se reconhecer como pessoa expressa uma identidade que é composta por uma despersonalização, ela não age, não sabe nada, e por isso não tem atuação em um sistema de troca e aprendizagem com os outros indivíduos que fazem parte do seu cotidiano: “Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o que? É apenas isto mesmo, não tinha”. (LISPECTOR, 1998, p.25). Mas, na busca por um lugar social, mesmo que por vezes inconsciente Macabéa veste-se e passa o dia representando:

E quando acordava? Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o dia representando com obediência o papel. (LISPECTOR, 1998, p.36)

Georg Lukács na *Teoria do romance (2000)* acentua que a psicologia do herói romanesco tem caráter demoníaco. Na personagem Macabéa esse caráter aparece precisamente pela inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior – tão enfatizada nesse trabalho – mas vale salientar que a nordestina não tem consciência que há essa oposição, ela não se realiza interiormente, por isso não protesta de verdade contra esse mundo exterior que não está preparado para receber Macabéa. Sua alma permanece imóvel, sem qualquer capacidade para aprender onde segundo Lukács: “Nem dúvida, nem busca, nem

desespero capaz de a fazer sair de si e de a mover podem nascer nela, e os combates vãos e grotescos que trava para a sua realização no mundo exterior mantêm-se sem nenhuma influência sobre ela.” (LUKÁCS, 2000, p.120).

Podemos observar que, às vezes, a moça tem o desejo de ser reconhecida socialmente e busca se convencer que é alguém no mundo: “Sou datilógrafa, virgem, e gosto de coca-cola” (LISPECTOR, 1998, p.36). O seu percurso para descobrir a si mesma encontra-se em meio a uma sociedade capitalista marcada pelos valores do consumismo, fazendo a personagem se tornar fantoche das forças sociais, sendo que sua vontade quase nunca influencia seu destino.

Ao analisar a personagem lispectoriana de caráter demoníaco percebemos que nenhum processo de enfrentamento por parte dela é possível. Macabéa era destituída não só de pensamento, mas também de ação: “Sua vida era uma longa meditação sobre o nada”. (LISPECTOR, 1998, p.38). A heroína problemática era impotente, pois para ela a realidade não significava nada. E se por algum momento Macabéa guardava sonhos em sua interioridade, talvez fosse um sinal de protesto contra a realidade rude da moça, mas se era, este se fazia surdo. Embora inconsciente, essa moça que “nunca se viu nua porque tinha vergonha” (LISPECTOR, 2008, p. 22) encarna na sua pessoa uma contradição social que determina o seu trágico destino.

4.1 Macabéa e Olímpico: dois nordestinos distintos

Na análise da heroína Macabéa, nos cabe aqui falar de seu encontro com Olímpico, seu único namorado. De maneira irônica o narrador descreve o encontro de Macabéa com Olímpico que aconteceu debaixo de uma chuva no mês de maio: “O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam.” (LISPECTOR, 1998, p.43). Olímpico, um sujeito que foge do Nordeste depois de matar um homem, e que sonha em conquistar grandes fortunas no sul do país, almeja ser um político por considerar que as lideranças políticas do país ganham muito bem e quase não trabalham. No Rio de Janeiro, Olímpico trabalhava como operário numa metalúrgica onde ele aproveitava para roubar objetos dos colegas. Olímpico é perfilado como ladrão, assassino e órfão, mesmo assim para Macabéa ele representa posição social. É através dele que a heroína experimenta algum reconhecimento: “Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. Metalúrgico e datilógrafa formavam um casal de classe.” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

A relação segue em meio a conflitos. Macabéa não tem ambição, não sabe expressar-se, não tem malícia em nada, não tem propósitos, não pensa em si. Apesar de apática, ela

tinha sua cultura sim, porém a sua cultura não era ligada aos valores intelectuais impostos pela sociedade, dessa forma a nordestina só queria mesmo era viver. Olímpico era bem diferente, inclusive nos modos como chegou ao RJ. Ele revela certa consciência, também orgulha-se por discursar bem. É ambicioso, arrogante, ignorante e agressivo ao falar com a ingênua namorada, aliás, ele a maltratava e não demonstrava nenhum tipo de carinho pela moça: “– Pare de falar porque você só diz besteira” (LISPECTOR, 1998, p. 48).

Na busca pelo poder e pela vaidade, Olímpico logo troca Macabéa por Glória, que era colega de trabalho da nordestina. Glória era carioca e isso para Olímpico já era motivo suficiente para torná-la mais importante que Macabéa, já que para ele a nordestina: “[...] não tinha força de raça, era subproduto” (LISPECTOR, 1998 p. 59), e para Olímpico, namorar uma “carioca da gema” era uma vantagem que ele não podia desprezar.

O narrador resume o namoro dos nordestinos em um contraste total: “Olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos.” (LISPECTOR, 1998, p. 28). Ele queria vencer na vida, tinha um objetivo que era ingressar na carreira política, ela não. Nesse relacionamento, percebemos uma grande diferença que está presente no cotidiano de homens e mulheres: “Ele falava coisas grandes, mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria”. (LISPECTOR, 1998, p.52). Com todas essas diferenças entre os dois e principalmente por causa da ambição de Olímpico, o namoro chega ao fim. Olímpico, como foi dito, acaba trocando a nordestina pela “carioca da gema”, a colega de Macabéa: Glória. O caráter interior da heroína problemática, cuja tentativa de se realizar no mundo exterior através de Olímpico é a única conexão significativa que liga a nordestina à realidade, se revela nessa relação fracassada. Olímpico, na exata medida da superioridade – não é fortuito que o seu nome remeta ao Monte Olimpo, habitação dos deuses gregos –, se dirige a Macabéa de forma cruel: "Você Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer." (LISPECTOR, 1998, p.60).

4.2 A carioca Glória

Glória trabalhava junto com Macabéa, era toda orgulhosa por pertencer a uma terceira classe de burguesia, tinha o hábito de fumar cigarros mentolados e passava o dia quase todo no telefone. Isso despertava inveja em Macabéa porque ela achava que Glória tinha prestígio social.

Tipo de mulher que chama a atenção de homens como Olímpico: “Glória roliça, branca e morna. Tinha um cheiro esquisito. Porque não se lavava muito, com certeza. Oxigenava os pêlos das pernas cabeludas e das axilas que ela não raspava.” (LISPECTOR, 1998, p.63). Uma carioca extrovertida, que pelos quadris adivinhava-se que seria bem sucedida na maternidade, enquanto Macabéa parecia ter em si mesma seu próprio fim. Nesse sentido, percebemos que Glória possuía os atributos femininos valorizados pela ideologia mercantil, o que lhe atribuía certo valor social mesmo sendo ela do subúrbio.

Glória era toda contente consigo mesma, dava-se grande valor por conhecer alguns truques que seduzia os homens e por se achar mais próxima da elite do país. Por vezes Glória humilhava Macabéa e ria dela, mas apesar disso a nordestina que nunca se irritava com ninguém nada dizia, já que Glória de certa forma era agora mais uma conexão com o mundo: “Este mundo fora composto pela tia, Glória, o Seu Raimundo e Olímpico – e de muito longe com as moças com as quais repartia o quarto.” (LISPECTOR, 1998, p. 64).

Portanto é nessa relação com Glória que Macabéa se vê confrontada com outra mulher, aquela que possui tudo: desenvoltura profissional, inteligência, um corpo desejado, e que ainda consegue roubar seu namorado. Assim, Macabéa se define mais uma vez por aquilo que não possui: beleza, amor verdadeiro e *status*.

4.3 O discurso de uma felicidade irreal

Outra personagem importante na história de Macabéa é a cartomante Madama Carlota. Por indicação de Glória, a nordestina resolve ir conhecer o seu futuro. É justamente nesse encontro que o leitor passa a conhecer o destino trágico que terá Macabéa. A vidente apresenta traços cômicos nas suas características físicas, pois esta: “[...] era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda com vermelho vivo e punha nas faces oleosas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado.” (LISPECTOR, 1998, p. 72). Com a cartomante, Lispector revela mais uma vez mecanismos de sobrevivência (subempregos) gerados pela sociedade urbana, como a prostituição e o charlatanismo que servem para ludibriar o povo, nesse caso a vítima era Macabéa.

É através da cartomante Carlota que Macabéa toma consciência de sua verdadeira condição social e existencial: “– Mas Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror! Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.” (LISPECTOR, 1998, p. 76). A vidente sinaliza com a promessa de que os sofrimentos de Macabéa iriam acabar no mesmo instante em que ela botasse o pé na

rua. Além disto, todos os sonhos da nordestina seriam atendidos. Segundo os vaticínios revelados por Carlota, ela teria beleza, saúde, amor e dinheiro.

Agora finalmente Jesus iria prestar atenção na moça, e com um discurso sedutor a Madama recorre a adjetivos carinhosos que são o contrário do que sempre foi atribuído a heroína. De “flor murcha” passa a “minha florzinha”. De ser solitário passa a “minha queridinha”. Seu nome não é mais “doença de pele” agora é “muito lindo”. Antes burra e incompetente, e agora: “Pelo que vejo você é inteligente, ainda bem.” (LISPECTOR, 1998, p. 73). Porém, seu futuro será, ironicamente, encerrado com o trágico acontecimento de um atropelamento por um Mercedes:

[...] faz tempo que não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela? [...]. (LISPECTOR, 1998, p.77).

Macabéa recebe com alegria o futuro maravilhoso que chegava por meio das palavras da cartomante: iria engordar, teria dinheiro, casaco de pele e até se casaria com um estrangeiro de olhos verdes ou azuis, loiro e muito rico que ainda lhe proporcionaria muito amor. Macabéa estava tão entusiasmada com o discurso, que sai da casa de Carlota totalmente exultante:

[...] Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua, pois sua vida já estava totalmente mudada. E mudada por palavras [...] Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desprezo. [...] Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. [...] (LISPECTOR, 1998, p.79).

A heroína deslumbrada por um destino promissor, que na verdade não passava de mera ironia, iria agora atravessar a frágil e tênue fronteira que separa a vida da morte.

4.4 A hora de Macabéa

Com base nas teorias Lukacsianas, percebemos que o herói problemático ou demoníaco está predestinado ao fracasso. O fracasso é uma característica estrutural do romance, pois são as forças sociais que se emancipam das intenções do escritor, determinando assim o destino do herói. Em HE é Macabéa que se torna objeto dessas forças sociais, ela que encarna uma classe em luta funde-se com a contradição social: “Enquanto isso, Macabéa no

chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma,” (LISPECTOR, 1998, p. 82)

É um automóvel de luxo, grande símbolo da industrialização, que acabará com a vida de Macabéa. Podemos pensar que a hora da estrela é a hora da morte de Macabéa. A morte, em seu tropos poético, mas irônico, conduziria a heroína à hora da estrela como sempre desejou. Recorde-se que Macabéa queria ser Marilyn Monroe. É só no momento de sua morte que as pessoas param para olhar a nordestina. O narrador cresce em ironias ao tratar de sua morte como a hora da estrela: “O Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta. Ela sofria? Acho que sim. [...] E Macabéa lutava calada.” (LISPECTOR, 1998, p. 81).

Durante todo o romance, o percurso de Macabéa é marcado por uma narrativa que se define pelo o que é não ter e não ser: “Era uma maldita e não sabia. Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou.” (LISPECTOR, 1998, p. 84). A heroína não é bonita, não é inteligente, nem independente, nem culta, nem competente e muito menos amada. A órfã nordestina falha todas as vezes que tenta se conectar com a realidade através das pessoas de seu convívio, e o resultado é sempre de muito sofrimento e frustração.

O que vai selar o caráter problemático de Macabéa é justamente a sua inaptidão para a vida, uma vez que a nordestina se apresenta como uma heroína incapaz de lutar, de interagir com os outros, de seduzir e até mesmo de pensar. Assim, a protagonista é destruída pelo mundo que ela não entendia e só realiza o sonho de ser estrela na hora da morte: “Então – ali deitada – teve uma úmida felicidade suprema, pois ela nascera para o abraço da morte.” (LISPECTOR, 1998, p. 85). Assim, mediante as teorias de Lukács, Macabéa conteria a força demoníaca do herói problemático, uma vez, como demonstramos que a relação inadequada com o mundo objetivo é crescentemente agravada por uma realidade cada vez mais aparente. Por isto, a forma romanesca é como afirma Lukács, estruturalmente irônica porque a falta de correspondência entre alma e realidade é absolutamente insuperável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve em vista apresentar as ideias do húngaro Georg Lukács, bem como a concepção de romance moderno de Walter Benjamin, que serviram como suporte para interpretar o percurso investigativo da personagem Macabéa do romance *A hora da estrela* (1998) de Clarice Lispector. Através das formulações de Lukács procuramos destacar na

personagem Macabéa o caráter problemático da inadequação entre a sua interioridade e o mundo exterior, advindo do conceito do idealismo abstrato formulado na *Teoria do Romance* (2000). Através do fluxo de consciência encaminhado pelo narrador Rodrigo S.M. e do discurso da própria Macabéa evidenciamos um conteúdo problemático que muito se afina com as formulações de Lukács.

Nos primeiros tópicos tratamos de abordar a problemática do herói lukacsiano na protagonista do romance social lispectoriano, bem como buscamos ressaltar a relevância inovadora da produção literária de Lispector, que sempre problematizou e refletiu sobre a experiência do papel feminino na sociedade, representando mulheres de diferentes classes nas suas obras. Através de alguns autores ilustramos a escrita clariceana da década de 1970, quando a autora demonstrou todo o seu engajamento social, denunciando as diversas mazelas que atingem o povo brasileiro, principalmente os nordestinos, no seu último romance HE.

No último tópico, vimos como a personagem Macabéa estabelece um confronto (antagonismo) com todas as outras personagens presentes na obra de Lispector, personagens estas, que se inserem no seio de uma sociedade que projeta ilusões, falsas promessas e falsas realidades. Nesse sentido, se encontra a construção de um tipo feminino projetado em seus atributos de beleza, classe, *status* etc. vale ressaltar que esses valores fazem parte de um mundo degradado e alienado assinalado por Lukács, por isso a realização do sentido da vida, nesse contexto é impraticável, de modo que o que pode parecer promessa de felicidade se torna pura ironia. Isto porque a forma romanesca, intrinsecamente ligada à historicidade do mundo, expulsa qualquer componente harmônico, já que o mundo moderno, ao contrário do mundo épico, se constitui de forma contraditória e fragmentada, indicando o rompimento com a totalidade extensiva do mundo grego. Por isto o romance mostra todo o seu amadurecimento, focalizando a ruptura entre o sujeito e o mundo de forma que o herói está sempre impedido de realizar o seu ideal, o sentido de sua vida.

Este mundo degradado, na obra em estudo, trata de apresentar diferenças sociais, às vezes vinculadas à questão do feminino. Com efeito, a personagem Macabéa, imigrante do sertão alagoano, feia, pobre e ignorante, é por excelência um herói problemático. Isto fica evidente, como demonstramos, na tentativa de estabelecer uma conexão com as demais personagens. É aí que a personagem revela toda a sua inaptidão para a vida, sendo protagonista de um destino trágico.

Enfim, o ponto mais sensível de nossa análise foi à demonstração do caráter problemático de Macabéa, através das relações estabelecidas com aqueles que eram sua conexão com o mundo e das frustrações sofridas por esta. Este perfil de herói problemático

desenvolvidos nas teorias de Lukács descreve com propriedade os valores do romance moderno que se encontra marcado pelo conflito e pela solidão. Clarice Lispector ressalta todos os aspectos desse romance através do fluxo de consciência e de sua linguagem fragmentada. Concluimos então que Macabéa, condenada à obscura sujeição da realidade existente, tem o seu caráter problemático determinado, pois a nordestina encarna os conflitos sociais até mesmo na hora de sua morte.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/e00006.htm> > Acesso em 10 de setembro de 2012 as 18h00minh.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Clarice Lispector: Desafiando as teias da paixão**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.

BENJAMIN, Walter. O **narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica. Arte Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDINI, Maria da Glória. (Org.), [et al.]. **Lukács e a Literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41º Ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1970.

GOTLIB, Nádya Battela. **Os difíceis laços de família**. São Paulo, 1994.

_____. **Clarice uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

HELENA, Lucia. **Nem musa nem medusa: Itinerários da escrita de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **"Amor" in. Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Vol. III. Modernismo. Edt. Cutrix LTDA. São Paulo – SP. 2008 6ªed.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

RONCADOR, Sônia. **Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice**. São Paulo: Annablume, 2002.

SAMUEL, Rogel. **Arte e Sociedade**. In: *Manual de Teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.